

REALEZAS ENTRE O BEM E O MAL: AS REPRESENTAÇÕES DE MONARCAS NAS PÁGINAS DA *MARVEL COMICS*

FÁBIO VIEIRA GUERRA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

RESUMO: Este trabalho propõe analisar três das monarquias apresentadas nas narrativas da editora americana de quadrinhos *Marvel Comics*. Essas histórias têm como protagonistas seres com habilidades extraordinárias chamados de super-heróis. Pautados em uma disputa dualista entre o Bem e o Mal, os quadrinhos de super-heróis são expressão de um imaginário coletivo sobre a nação estadunidense e os valores que norteiam sua organização social e suas ações no mundo. Desse modo, a representação de outros países também faz parte desse olhar que os Estados Unidos têm do mundo exterior. O heroísmo é um fenômeno intensamente enraizado no imaginário e na moralidade popular. Os feitos de coragem e superação inspiram modelos e exemplos em diversos povos, em diferentes culturas. As inúmeras situações de conflito e de competição são cenários usuais para feitos considerados heroicos, sendo a cultura a matriz para a construção dessa imagem. Para imaginar uma cultura nacional é necessário construir narrativas que incluem a representação de identidades com base em tradições e mitos fundadores da pátria. Para exemplificar essas culturas a análise deste artigo irá se pautar em personagens de personalidade e motivações distintas, casos dos personagens Namor, Doutor Destino e Pantera Negra. Em todos eles há um ponto em comum: a soberania sobre uma nação fictícia criada pelos roteiristas. Assim, temos como foco perceber as relações que esses soberanos têm com seus súditos, reiterando os princípios e ideais como, por exemplo, o da liberdade individual, inclusive perante o Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Monarquia, Rei, Soberania, Política Externa.

ABSTRACT: This work aims to analyze the three monarchies presented in the narratives of the American comic book publisher Marvel Comics. These stories have as protagonists beings with extraordinary abilities called superheroes. Guided by a dualistic struggle between good and evil, the superhero comics are expression of a collective imagination of the American nation and the values that guide their social organization and their actions in the world. Thus, the representation of other countries is also part of that look that the United States has the outside world. Heroism is an intensely rooted phenomenon in the imaginary and popular morality. The deeds of courage and overcoming inspiring models and examples in different people in different cultures. The numerous situations of conflict and competition are the usual scenarios for deeds considered heroic, and the culture matrix for the construction of this image. To imagine a national culture is necessary to construct narratives that include the representation of identities based on traditions and founding myths of the homeland. To illustrate these cultures the analysis of this article will be based on personality characters and different motivations, cases of characters Namor, Doctor Doom and Black Panther. In all of them there is a point in common: the sovereignty of a fictitious nation created by the scriptwriters. So, we have focused on realizing the relationships they have with their sovereign subjects, reiterating the principles and ideals such as individual freedom, even before the state.

KEYWORDS: Monarchy, King, Sovereignty, Foreign Affairs.

Introdução

As histórias de quadrinhos (HQs) de super-heróis inseriram elementos da realidade social de acordo com o contexto histórico da época em que foram criadas. O discurso do excepcionalismo americano¹ não foi apenas produzido por meio de argumentos de elites políticas ou acadêmicas, mas, também, constituída por meio da cultura popular desse país. Se os super-heróis, nos primeiros anos de existência, eram vigilantes que trabalhavam muitas vezes à margem da lei, com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, eles rapidamente se tornaram símbolos patrióticos americanos e se comprometeram a lutar e defender os EUA.

Com o advento da Guerra Fria, os oponentes mudaram e qualquer personagem que simbolizasse o mundo comunista era tratado como adversário em potencial. E se os combates giravam em torno de inimigos que ameaçavam o governo e a sociedade estadunidense, as relações com o poder institucionalizado deveriam estar claras. A aparição de presidentes americanos nas narrativas era uma representação de que os heróis deveriam seguir uma conduta demarcada pelo dever pátrio.

A política externa pode ser entendida como uma forma de proteger os interesses nacionais de um país, em especial a segurança nacional, a prosperidade econômica e valores sociais, no caso de intercâmbios culturais e econômicos entre as nações. O discurso do excepcionalismo dos Estados Unidos só faria sentido se tivessem elementos para pô-lo à prova. Assim, fez-se necessária a criação de personagens fixos que representassem o estrangeiro, ou seja, aquele que não fosse americano, mas que mantivessem alguma forma de relação com os EUA.

Segundo Pierre Milza², para um Estado garantir sua defesa contra os eventuais avanços dos outros atores do sistema internacional, deve afirmar a identidade nacional e a vontade de sobreviver, o que determina diretamente sua política militar e as escolhas de sua estratégia global. Dessa forma, o governo de um país deve saber lidar com outros Estados sem afetar a soberania de qualquer um deles, mesmo que esses Estados possuam culturas ou sistemas políticos diferentes.

Em contraposição, são conhecidas as intervenções dos EUA em diversos países do mundo em nome de uma suposta "liberdade e democracia". Esses conceitos remetem à composição dos Estados Unidos como um modelo no qual os seus cidadãos são regidos pela República. Nesse caso, o sistema político vigente determina que seus governantes devam ser eleitos pelo povo e a

¹ O excepcionalismo americano possui interpretações diversas. A natureza da noção de excepcionalismo americano é visto de forma diferente por cada autor que busca equiparar a sua definição seja por um distintivo cultural, seja por uma identidade política. A partir da metade do século XX, a ideia de excepcionalismo passou a ser usada mais amplamente nas Ciências Sociais, empregada para referir-se à crença de que a história política dos EUA seria radicalmente diferente das experiências de qualquer outra nação e que, de fato, sua experiência seria exemplar para as outras nações.

² MILZA, Pierre. Política interna e política externa. *In*: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996, p. 371.

escolha popular deve ser aceita e respeitada. Contudo, outros sistemas de governo são comuns em várias partes do globo. E foi exatamente a partir desse conflito político que os roteiristas da editora *Marvel Comics* pautaram alguns de seus personagens. A inserção de elementos da realidade social sempre foi uma das principais características das narrativas da *Marvel*. Desse modo, as relações internacionais entre os Estados também estavam presentes nas HQs. Porém, para esses casos, a *Marvel* se valeu de um universo imaginário, introduzindo países fictícios em suas histórias.

O imaginário funcionaria como um dispositivo simbólico que procurava dar uma identidade e coerência a certo movimento de massas se permitindo reconhecer e designar as suas recusas, bem como as suas esperanças. Segundo Bronislaw Baczko, o imaginário social é operado pelos sistemas simbólicos, os quais são construídos não somente a partir da experiência dos agentes sociais, mas, também, a partir dos seus desejos, aspirações e motivações. Desse modo, são por meio de séries de oposições que se estruturam as forças afetivas que agem sobre a vida coletiva, unindo-as, por meio de uma rede de significações, às dimensões intelectuais dessa vida coletiva.³

O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem apresentar uma definição da realidade. Os quadrinhos de super-heróis são expressão de um imaginário coletivo sobre a nação estadunidense, os valores que norteiam sua organização social e suas ações no mundo. A representação de outros países também faz parte desse olhar que os Estados Unidos têm do mundo exterior. Assim, no que concerne aos sistemas políticos, o sistema monárquico foi um dos mais presentes. Mesmo que essas histórias tenham sido criadas em períodos nos quais as monarquias constituíam a maior parte dos Estados europeus, elas se perpetuaram ao longo do tempo como uma forma de encantamento por esse modelo de governo. Podemos observar isso tomando, por exemplo, as notícias sobre casamentos, nascimentos e atos administrativos feitos pelas monarquias ainda vigentes no mundo atual.

Namor e o *Imperius Rex*

O interesse pelas monarquias também se fez presente nas narrativas da *Marvel*. E a primeira representação de um monarca ocorreu nas páginas da revista *The Fantastic Four n° 4*, quando Stan Lee e Jack Kirby reintroduziram o personagem Namor na continuidade da editora em 1962.

Namor, o Príncipe Submarino (*Namor, The Sub-Mariner*) foi criado por Bill Everett em 1939, aparecendo pela primeira vez na revista *Marvel Comics n° 1*, quando a editora ainda se chamava *Timely Comics*. Sua origem esteve ligada

³ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 311-312.

à lenda de Atlântida, continente que teria submergido no oceano na Antiguidade e foi citada em escritos do filósofo grego Platão. Ele é, juntamente com o Tocha Humana original, considerado o primeiro personagem criado pela empresa *Marvel*.

O Príncipe Namor era filho da princesa Fen, de Atlântida e Leonard McKenzie, um capitão da marinha dos EUA. Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, o navio de McKenzie detonou explosivos no continente antártico para quebrar *icebergs* provocando danos à civilização atlante que vivia nessa região do globo. Thakorr, imperador de Atlântida, enviou sua filha, Fen, para investigar a causa dos danos. Fen partiu sozinha e descobriu o navio do capitão McKenzie. Fen permaneceu na embarcação e logo aprendeu a língua dos tripulantes e se apaixonou por McKenzie, culminando no casamento dos dois. Após várias semanas, percebendo que sua filha não retornava, Thakorr deduziu que ela havia sido capturada pelo povo da superfície e enviou um grupo de atlantes para tentar encontrá-la. O grupo descobriu seu paradeiro e lutou contra a tripulação do navio, o que acabou provocando a morte de McKenzie.

A princesa Fen retornou para Atlântida e meses depois deu à luz um filho híbrido com a pele rosada, ao contrário da pele azulada própria dos atlantes, mas com a capacidade de respirar debaixo d'água e com uma resistência sobre-humana para aguentar a pressão aquática que o fundo do mar impunha. Mesmo com pai humano, Namor cresceu com ódio da humanidade, o que se refletiu em ataques à superfície no final da década de 1930. Ainda durante as narrativas da *Timely* foi sugerido que Namor se uniu aos aliados durante a Segunda Guerra Mundial, por entender que os países do Eixo representavam uma ameaça em potencial para todo o mundo. Nesse caso, as narrativas do Príncipe Submarino se alinhavam com a proposta vigente à época de que os quadrinhos de super-heróis serviam de propaganda pró-aliada durante o conflito.

Ainda segundo as narrativas do personagem, Atlântida foi violentamente afetada por terremotos após a guerra e Namor foi enviado para investigar quais seriam as causas disso. Ele descobriu que o responsável foi um vilão chamado Paul Destino (*Paul Destine*) que, utilizando grandes quantidades de energia, arrasou Atlântida, matando boa parte de sua população, além de transformar Namor e o restante de seus súditos em nômades. O vilão ainda provocou amnésia no Príncipe Submarino, enviando-o para vagar como mendigo no mundo da superfície.

A partir desse ponto, Namor foi reinserido na cronologia da *Marvel*. Em uma narrativa de 1962, Johnny Storm, o Tocha Humana (*Human Torch*) da equipe Quarteto Fantástico descobriu Namor num edifício abandonado, junto com um grupo de sem-teto. Tocha usou seus poderes para queimar a barba comprida de Namor e o lançou ao mar, o que fez com que Namor recuperasse sua memória. Contudo, quando ele soube da destruição de Atlântida, o Príncipe Submarino pensou que os responsáveis por isso teriam sido os seres humanos e seus testes nucleares. Jurando vingar o seu povo, Namor atacou Nova York e entrou em conflito com os heróis da Terra diversas vezes.

Posteriormente, Namor reencontrou os sobreviventes de Atlântida e reconstruiu o reino, sendo proclamado seu rei, graças à ascendência que tinha

com o último imperador, Thakorr que era seu avô. Devido à popularidade que obteve junto aos leitores, os editores diminuíram paulatinamente as incursões de Namor à superfície, passando a ter histórias solo dentro da revista *Tales to Astonish*. Em 1968, graças a um acordo que permitiu a *Marvel* editar uma maior quantidade de revistas, Namor ganhou um título próprio chamado *Prince Namor, The Sub-Mariner*.

O que chamou a atenção na constituição da personalidade de Namor foi essa dualidade entre herói e vilão. Ao longo da trajetória do Príncipe Submarino, os argumentistas criaram um perfil arrogante do personagem. Namor foi idealizado como um monarca que lutaria por seu povo contra ameaças externas, mas exibia um aspecto de superioridade mesmo entre aqueles que ele tinha como aliados. Desse modo, a concepção de Namor se assemelha ao que constitui um "bom monarca". Segundo o filósofo grego Aristóteles, um rei visa à vantagem de seus súditos. O rei que não se transforma em tirano e mantém uma ligação próxima com seus súditos consegue manifestar uma das formas da justiça, pois um "bom monarca" "olhará somente para os interesses daqueles a quem ele governa. Se há justiça de fato nessa relação é por consequência da amizade que o rei lhes confere em forma de zelo e bem-estar."⁴

O Príncipe Submarino manteve um vínculo próximo com alguns de seus súditos, oferecendo-lhes a amizade propalada nos escritos de Aristóteles, ora por serem úteis como no caso dos atlanteanos *Vashti* (sacerdote de Atlântida), *Seth* (conselheiro de Namor) e *Thakos* (general do exército atlanteano). Ou por serem agradáveis, como *Lady Dorma* (noiva de Namor) e *Namorita* (prima do Príncipe Submarino). Assim, Namor constituiu seu círculo de amizade, exigindo lealdade e gratidão acima de tudo. As maiores dificuldades, no que tange às relações de amizade, encontraram-se no campo político, pois a forma de governo foi pautada em relações de interesses mútuos que, não sendo concretizados, levariam geralmente ao rompimento.⁵

O uso da lenda de Atlântida também reforçou a ideia de Namor como monarca. Nos contos do filósofo grego Platão, Atlântida era uma potência naval localizada além das Colunas de Hércules, no Estreito de Gibraltar, entre a Europa e a África, que conquistou muitas partes dos dois continentes por volta de 9.600 a.C. Segundo a lenda, Atlântida afundou no oceano após uma tentativa fracassada de invadir Atenas.

A narrativa mítica de Atlântida foi se adaptando aos novos contextos de cada época, reconfigurando momentos como o de seu desaparecimento, ou se arranjando para outros povos, na essência dessas narrativas e interpretações.⁶ Portanto, a narrativa mítica do continente desaparecido serviu de suporte para diferentes usos do passado, indicando em diversos momentos o modo com que

⁴ FEITOSA, Zoraida. *A influência da amizade nas constituições políticas em Aristóteles*. Prometeus. Ano 6, n. 11 – Janeiro-Junho/2013, p. 124.

⁵ *Ibid.*, p. 126.

⁶ Para maiores informações sobre o mito de Atlântida, ver VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. São Paulo: Edunesp, 2008.

esse imaginário foi trabalhado ao longo dos séculos, inclusive pela indústria cultural com as histórias em quadrinhos. Não por acaso os nomes inventados dos atlanteanos da *Marvel* estão relacionados a uma sonoridade grega, pois os roteiristas mantiveram a essência da lenda nos escritos de Platão.

Por fim, a presença de elementos da Antiguidade foi complementada pelo grito de guerra que Namor utilizava quando estivesse em combate. *Imperius Rex* foi um brado constantemente utilizado pelos argumentistas da *Marvel* quando Namor encarava alguma batalha. Essa é uma frase em latim que significa "Rei do Império". Entretanto, sua forma de usar não tinha exatamente o caráter de se autoafirmar entoando sua condição de monarca, mas, sim, algo que exaltava seu império propriamente dito. Essa exaltação poderia servir de contraponto frente às demais nações, em especial aos EUA (Figura 1).

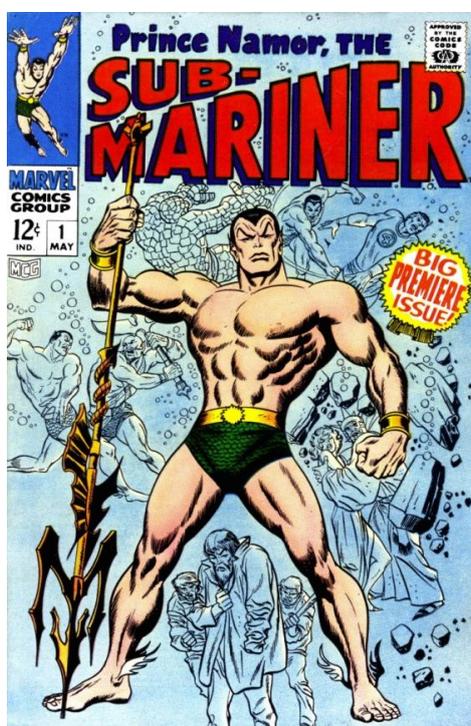


Figura 1. Capa da revista Prince Namor.

O fato de Namor entoar palavras em latim nos remete ao Império Romano. Além disso, o próprio nome do personagem é *Roman* (romano) escrito ao contrário. Podemos supor que a ideia de unir duas civilizações da Antiguidade marcadas por conquistas de territórios poderia significar a ausência de conhecimento dos autores dos quadrinhos, pois sobrepunham civilizações e temporalidades diferentes em um mesmo personagem ou obra produzida.

De qualquer forma, a criação do Príncipe Submarino seria, portanto, uma volta às origens de um personagem dualista que foi ao mesmo tempo defensor ferrenho de seu povo, mas que foi durante vários anos um inimigo declarado da humanidade. Somente quando Namor se aproximou dos humanos, suas posições foram revistas e ele passou a figurar de fato no panteão de super-heróis da editora.

A mão de ferro da Latvéria

O segundo exemplo de monarca da *Marvel* é considerado um de seus principais personagens vilões. O Doutor Destino (*Doctor Doom*) foi criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1962 e se tornou o principal inimigo do Quarteto Fantástico. Dono de uma das mentes mais brilhantes do mundo, a narrativa contava a história de Victor von Doom que nasceu no fictício reino da Latvéria, localizado no leste europeu, filho de um curandeiro cigano e de uma mulher ligada à feitiçaria. Quando ainda era bem jovem, seus pais foram caçados por autoridades latverianas e condenados à morte. Entregue aos cuidados de Boris, um amigo da família, quando ainda era criança, Victor soube que seus pais haviam lhe deixado como herança duas caixas: uma contendo ervas e medicamentos e outra com alguns artefatos mágicos. Aprendendo a fazer uso dos objetos místicos, o rapaz começou a viajar pelo país realizando “milagres” alquímicos.

Um dia, o reitor de uma universidade dos Estados Unidos tomou conhecimento da reputação do jovem e ofereceu-lhe uma bolsa de estudos. Doom foi para os EUA e conheceu o então jovem Reed Richards, que viria a ser tornar anos mais tarde o líder do Quarteto Fantástico, o Senhor Fantástico (*Mister Fantastic*). Algum tempo já estabelecido na universidade, Victor estava testando um de seus inventos para viajar entre as dimensões e que ele acreditava que salvaria a alma de sua falecida mãe.

Richards fez uma visita ao quarto de Doom e examinou suas anotações, percebendo um erro no esquema do aparelho. Reed tentou avisar Doom, mas este não lhe deu importância e o expulsou do quarto, prosseguindo com os testes. Quando, finalmente, faria o teste definitivo, a máquina de Victor explodiu, ferindo seriamente o seu rosto. Por realizar experimentos considerados perigosos em segredo, von Doom foi expulso da universidade e, por isso, passou a culpar Richards pelo seu infortúnio.

Quase levado à loucura pela deformação de seu rosto, Victor partiu dos EUA em direção às montanhas do Tibete. Lá foi acolhido por uma ordem de monges e durante vários anos aprendeu segredos místicos. Os monges o ajudaram a construir uma armadura de metal e uma máscara igualmente metálica que ainda não tinha esfriado o suficiente após a fundição. Com sua arrogância obrigou os monges a colocar a máscara imediatamente em sua face. Como resultado, seu rosto se deformou ainda mais fazendo com que von Doom permanecesse com a máscara já finalizada a maior parte do tempo, assumindo, assim, a identidade de Doutor Destino.

Decidido a se vingar dos perseguidores de seus pais, Doom voltou para sua terra natal para realizar seus planos de conquista. Ele depôs o monarca da Latvéria e se declarou o soberano absoluto do reino. Governando com mão de ferro, Destino começou a direcionar os recursos da pequena nação para realizar seus objetivos pessoais. Apesar de seu povo o considerar um governante justo, ele na verdade revelou em algumas histórias que não veria problema algum em trocar a vida de todos os latverianos por mais poder. E também não

demonstrava qualquer misericórdia com seus próprios soldados, aos quais punia com a morte por qualquer falha. Segundo Peter Coogan, a aparência do Doutor Destino era representante de uma mudança na interpretação de personagens considerados “cientistas loucos” para vilões de pleno direito, muitas vezes com poderes superiores como um megavilão.⁷

Dessa forma, o governo do Doutor Destino pode ser descrito como uma monarquia absoluta, uma vez que foi revelado que não havia legislatura no país, pois tudo era decidido mediante os desejos de Doom. A definição de absolutismo pode ser considerada aquela forma de governo em que o detentor do poder exerce suas prerrogativas sem dependência ou controle de outros poderes, superiores ou inferiores.⁸ O Estado Absolutista fica caracterizado como um governo de poder institucional e centralizador.

Segundo Perry Anderson em seu livro *Linhagens do estado absolutista*, o historiador discute e teoriza ser impróprio designar o termo Absolutismo, características de uma instituição que dispunha de poder absoluto sobre todos seus súditos, pois nenhuma monarquia ocidental teria gozado de poder absoluto sobre seus súditos.⁹ A marca principal da majestade soberana e do poder absoluto é, essencialmente, o direito de impor leis aos súditos sem o consentimento deles. Leis estas que eram produzidas sob o domínio do absolutismo que operava, em última instância, dentro dos limites necessários da classe cujos interesses ele assegurava.

Anderson explica que o Estado Absolutista foi criado por uma aristocracia enfraquecida economicamente, procurando se manter no poder, sendo que essas estruturas administrativas de Estado Moderno serviram para fortalecer a burguesia, que se encontrava politicamente fragilizada, mas controlava o poder econômico.¹⁰ Resultado foi que as monarquias absolutas introduziram exércitos regulares, uma burocracia permanente, o sistema tributário nacional e a codificação do direito.

Apesar de governar com mão de ferro e ter ascendido ao poder mediante um golpe de Estado, Destino é celebrado pelos habitantes da Latvéria, seja por medo de sofrer represálias ou simplesmente acreditar que von Doom trouxe benefícios para o reino, enxergando nele um protetor do país, pois as intervenções políticas estrangeiras são rechaçadas por Doom com frequência. Então, para a população latveriana o controle na forma de monarquia absoluta seria uma “compensação” por essa proteção.

⁷ COOGAN, Peter. *Superhero: the secret origin of a genre*. Austin: MonkeyBrain, 2006, p. 28.

⁸ SQUIERE, P. Absolutismo. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Giafranco. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1997, p. 2.

⁹ ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 48.

¹⁰ *Ibid.*, p. 50.



Figura 2. A imagem do Doutor Destino. *Fantastic Four*, vol. 1, nº 258 – Setembro de 1983.

A localização do país fictício originalmente era generalista, pois apenas apontava para o leste europeu. Então, a Letônia seria a expressão de um imaginário sobre a região: atrasada, ditatorial, composta por ciganos e seres que praticavam magia, em oposição a um estado “racional” e democrático como os Estados Unidos. Décadas depois, a *Marvel* deu uma localização mais específica para o país para o sul das montanhas dos Cárpatos fazendo fronteira com Hungria, Romênia e Sérvia.

Como monarca absoluto da Letônia, Doutor Destino possuía imunidade diplomática, permitindo que escapasse à justiça da maioria de seus crimes. Esse era, talvez, o seu maior trunfo, pois qualquer tentativa de matá-lo ou uma agressão seria considerada uma violação do direito internacional por se tratar de um chefe de Estado. Além disso, como mandatário da Letônia, Destino tinha total controle dos recursos naturais e tecnológicos do país, juntamente com a sua força de trabalho, econômica e militar.

Os atos do Doutor Destino nos remetem à obra clássica *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, no qual o escritor atentava para o fato de que os homens deveriam ser mimados ou exterminados, pois poderiam até se vingar de punições leves, mas não das pesadas. Desse modo, a opressão imposta pelo príncipe aos súditos deveria ser tal que ele não precisasse temer a vingança deles.¹¹ Maquiavel entendia que, primeiramente, um príncipe deveria dispor da capacidade de manter o bem-estar do seu povo, seja pela força ou pela bondade. Mesmo assim, o príncipe deveria ser prudente, diagnosticando com antecedência todos os possíveis males que poderiam afetar seu governo. Era

¹¹ MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

necessário o príncipe fazer valer o seu poder marcando sua presença e mantendo seu reino sob uma constante vigilância. Para o filósofo

os homens têm menos escrúpulo em ofender a alguém que se faça amar do que a quem se faça temer, posto que a amizade é mantida por um vínculo de obrigação que, por serem os homens maus, é quebrado em cada oportunidade que a eles convenha; mas o temor é mantido pelo receio de castigo que jamais se abandona.¹²

Maquiavel acreditava que as crueldades poderiam ser bem praticadas, devendo o príncipe ao utilizá-las, fazer tudo com sabedoria, pois o objetivo único era manter seu povo unido sob sua soberania, mesmo que, para isso, o príncipe tivesse que recorrer a essa crueldade. Desse modo, expressava a ideia de que importante era o poder e não a moralidade dos meios para alcançá-lo.

Nas narrativas da *Marvel*, o Doutor Destino agia conforme indicava Maquiavel, considerando que o soberano da Latvéria não confiava em ninguém. Embora mantivesse alguns súditos mais próximos, Destino não desenvolveu laços afetivos com eles, pois seria melhor ser temido do que amado. Assim, Destino conseguia a lealdade de seus súditos por meio do medo que uma reação sua poderia acarretar sobre eles. Desse modo, “um príncipe não deve, pois, temer a má fama de cruel, desde que por ela mantenha seus súditos unidos e leais”.¹³

Mesmo tendo a lealdade de seus súditos, von Doom se mantinha vigilante quanto a possíveis insurgências. Seguindo a prudência sugerida por Maquiavel, Doom conseguia controlar todo o reino da Latvéria por meio de *Doombots*, suas duplicatas robôs que lhe permitiam se ausentar do reino sem que seus habitantes percebessem, pois as duplicatas eram uma representação perfeita da aparência e trejeitos de Doom. Essas inteligências artificiais também podiam caminhar na multidão ou se comunicar com outras pessoas sem que percebessem que se tratava de uma fraude. Além disso, Destino possuía uma guarda pessoal, contudo, ela não era formada por seres humanos, mas, sim, robôs tecnologicamente avançados com instruções de ser a primeira linha de defesa de Doom caso ocorresse alguma invasão de seu castelo. Em diversas ocasiões, esses guardas-robôs confrontaram os heróis da *Marvel*.

Assim, o Doutor Destino agia como uma entidade que governa com poder absoluto, constituindo uma forma autoritária de se governar um Estado ou uma nação, o que lembra o filósofo Thomas Hobbes e sua principal obra, *Leviatã*. Hobbes argumentava que os indivíduos deveriam abrir mão de suas liberdades em nome da segurança, pois, para o filósofo, o ser humano é egoísta por natureza, e somente o Estado de direito e a ameaça de punição poderia manter o indivíduo sobre controle.¹⁴

¹² Ibid., p. 68.

¹³ Ibid., p. 88.

¹⁴ HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Em *Leviatã*, Hobbes falou das condições de dissoluções do Estado, em que somente a concentração de autoridade garantiria a unidade e a paz social. Ele acreditava em um Estado poderoso, tendo como chefe um soberano. Sem um soberano, dizia Hobbes, tudo se esfacelaria e a sociedade se dividiria em indivíduos separados, prontos para se destruir uns aos outros na busca pela sobrevivência.

Hobbes justificou que a humanidade precisa e necessita da ordem e, por isso, os homens deveriam se unir por meio de um contrato com o intuito de entregar a sua liberdade ao soberano que deveria administrar a nação com “mão de ferro” e organizá-la por intermédio de leis que ajudassem os homens a viver em harmonia.

Desse modo, o poder na Latvéria foi mantido pelo controle dos recursos militares e econômicos do país. Por causa da opressão do regime, o Doom controlava a população latveriana em troca de uma suposta proteção, o que favoreceu sua longa permanência no poder. Sua vestimenta composta por capa e capuz impunha um tom de imponência para Destino e, ao mesmo tempo, remetia à representação clássica da morte, capaz de encobrir seu rosto envolto em mistério. Além disso, o uso de uma armadura de ferro refletia a solidez com que Doom agia sobre seu reino e sobre seus súditos.

O Pantera de Wakanda

Em julho de 1966, Stan Lee e Jack Kirby criaram o primeiro super-herói negro com a pretensão de apresentar uma inovação conceitual. O Pantera Negra (*Black Panther*) se tornaria o precursor de todos os super-heróis negros que viriam a seguir. A trama contava a história de *T'challa*, um príncipe de uma fictícia nação africana chamada Wakanda, alvo de constantes ameaças externas por ser portadora da maior reserva de *vibranium* do mundo. Na narrativa, este era um metal com poder de absorver qualquer tipo de energia do mundo, portanto, capaz de despertar a cobiça mundial.

A recusa do pai de *T'challa*, *T'chaka*, rei de Wakanda, em fornecer o metal a um criminoso sul-africano chamado Ulysses Klaw, acabou por provocar o assassinato do rei. Jurando vingança, *T'challa* viajou para os EUA e Europa para estudar e se tornar um brilhante cientista. Ao retornar a seu país, foi coroado rei, sucedendo o pai. Após o ritual de iniciação, ele ingeriu uma erva que expandiu sua força, velocidade, resistência, agilidade e sentidos, todos parecidos com os de um felino. Vestindo o traje cerimonial que simbolizava o animal sagrado pra seu povo, *T'challa* se tornou o Pantera Negra.

T'challa utilizou os recursos obtidos na comercialização do *vibranium* e transformou o reino de Wakanda na nação mais evoluída tecnologicamente do mundo. Em sua primeira aparição, o Pantera convidou o Quarteto Fantástico para conhecer seu reino e sua tecnologia. Quando o grupo chegou a Wakanda foi surpreendido por ataques do Pantera Negra, que, na verdade, queria testar

a extensão dos seus poderes para proteger seu povo de ameaças externas. Embora com todas as descrições das características evoluídas e modernas do Pantera e de Wakanda, Stan Lee ainda se valeu de estereótipos ao configurar os africanos.¹⁵ Embora possuísse toda tecnologia, os quadrinistas fizeram uma representação do imaginário sobre a África e os povos que nela habitam. Assim, o povo de Wakanda aparecia vestindo trajes e realizando ritual de danças tribais endossando esse imaginário sobre a África, com o olhar dos estadunidenses/europeus sobre um continente que viam como misterioso e fascinante, mas igualmente atrasado.

Seja como aliado do Quarteto Fantástico ou como membro dos Vingadores, ao longo das décadas o personagem se tornou um coadjuvante importante nas revistas da *Marvel*. Por duas vezes, o Pantera teve títulos próprios na década de 1970, porém, sem grande vendagem, foram cancelados após poucas edições, embora o personagem tivesse popularidade entre os leitores.

T'challa foi concebido com uma abordagem diferente frente às representações monárquicas de Namor e Doutor Destino. O Pantera Negra sempre foi representado como um homem honrado, herdeiro de uma tradição familiar secular, bem visto pelo povo de Wakanda que não o temia, ao contrário de Destino. No entendimento do povo de Wakanda, o Pantera Negra existia para protegê-los das ameaças externas. Além disso, a lenda do Pantera remetia a um culto do país, ou seja, ao mesmo tempo em que reconheciam *T'challa* como seu rei, eles também o tinha como o representante do deus Pantera na terra. Mesmo sendo um ser humano, sua figura era vista como a do escolhido dos céus como protetor eterno de sua terra.

A questão monárquica aqui descrita nos reporta a outro teórico do absolutismo, mas com uma concepção diferente da proposta por Hobbes. Jacques Bossuet era um bispo francês do século XVII e uma figura próxima do rei Luís XIV, símbolo máximo da monarquia absolutista francesa. Bossuet foi o filósofo que elaborou a teoria do direito divino dos Reis a partir de seu livro chamado *Política segundo as Sagradas Escrituras*, na qual ele justificava a concentração de poder nas mãos do rei, pois esse seria o representante das forças divinas na Terra. Assim, o rei era confundido com o próprio Deus e, por isso, todos que fossem contra as suas determinações seriam também contrários às forças divinas e, portanto contra Deus.¹⁶

Bossuet afirmava que todas as naturezas humanas deveriam estar sujeitas ao rei por meio de um Contrato de Submissão. Ou seja, corresponderia a uma necessidade natural das sociedades de serem governadas, pois a monarquia seria a única forma de governo legítima, uma vez que redundaria em estabilidade.

O teólogo francês teve o cuidado de separar o que ele chamou de governo absoluto, no qual os súditos possuem eficaz proteção de uma autoridade ligada às tradições e pelo que é pautado pela razão, do outro,

¹⁵ GUERRA, Fábio V.. *Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981)*. Dissertação (Mestrado em História) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 159.

¹⁶ BOSSUET, Jacques *apud* BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 48.

denominado por ele como governo arbitrário, no qual todos os súditos são escravos sacrificados a um tirano que não se orienta pela lei e pelos costumes, mas, sim, pelo capricho e pelo ato despótico.¹⁷

Desse modo, ao contrário do pensamento de Thomas Hobbes, o absolutismo para Jacques Bossuet não está em um ser que ameaça seus súditos, mas, sim, alguém que atrai seus subordinados formando um equilíbrio de uma hierarquia de vassalos ligados pelo respeito comum aos antigos costumes e às instituições estabelecidas.

Nas narrativas da *Marvel*, os Panteras Negras são descritos como homens benevolentes e amados por seu povo. Contudo, a passagem do manto do Pantera não era feito de modo automático de pai para filho. Era criada uma arena de lutas na qual era permitido que qualquer habitante de Wakanda pudesse desafiar o Pantera Negra vigente para um combate. Se o desafiante vencesse, seria merecedor do manto e do trono de Wakanda. Por esse motivo os descendentes da linhagem do Pantera deveriam ser preparados desde crianças para esse desafio, para que pudessem provar perante toda a população de que eram merecedores de usar a roupa do Pantera Negra.

O simbolismo em torno do Pantera Negra pode ser ligado à obra de Jacques Bossuet novamente considerando o que o teólogo estabelece sobre as quatro características que uma monarquia tem que possuir.¹⁸ Primeiramente, Bossuet afirma que a autoridade real é sagrada, ou seja, o poder dos monarcas advém de Deus, que os estabelece como seus ministros na Terra. Nesse caso, os súditos deviam obedecer aos mestres temporais como obedecem a Deus. Contudo, a origem divina também impunha limites, sendo que o rei deveria respeitar o seu poder e qualquer decisão deveria beneficiar o seu povo e não apenas a si próprio.

Bossuet também diz que o poder real é paternal, pois os reis são constituídos segundo o modelo dos pais. Era ele que deveria se preocupar com todas as necessidades da sociedade, com a proteção dos mais fracos, e com um governo justo, mas aprazível, cultivando a imagem de alguém que exerceria o seu poder de um forma justa e protetora.

Em terceiro lugar, o teólogo francês alega que a autoridade real é absoluta, no que o rei se tornava independente nas suas decisões, sendo que não era obrigado e nem deveria prestar esclarecimentos a ninguém daquilo que ordena. Com isso, o rei assegurava que o respeito pelas leis e pelas normas da justiça era exercido, evitando a anarquia ou desordem, que extrai dos homens os seus direitos.

Por último, Bossuet expõe que o poder real está em total harmonia com a razão. Ou seja, à percepção de que deve salvar mais os Estados do que usar a força, pois é a inteligência e a ciência que deve fazer o povo feliz. Como o monarca é escolhido por Deus, ele deve ser possuidor de qualidades internas tais como a generosidade, a convicção, a força do caráter, a precaução e a

¹⁷ BOSSUET, Jacob-Bénigne. *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture Sainte*. Genebra: Droz, 1967, p. 52.

¹⁸ Ibid..

capacidade de previsão e percepção.

Desse modo, vemos que Wakanda apresentava uma organização diferente da Latvéria e de Atlântida. No reino africano, os habitantes eram autorizados a participar de decisões particulares como na sucessão do rei. O culto ao Pantera Negra tinha, assim, uma característica militar, religiosa e política da nação. Em torno dele os wakandanos poderiam se espelhar e se orgulhar do respeito que seu país impõe ao mundo.

Em 2005, os editores da *Marvel* criaram um novo título solo para o Pantera e chamaram Reginald Hudlin, um escritor afro-americano para escrever os roteiros. A abordagem que Hudlin deu ao personagem trouxe uma narrativa cinematográfica que remetia às raízes do escritor em *Hollywood*. Como em várias histórias anteriores do Pantera Negra, esta apresentou um forte viés político, lidando com as relações internacionais dos países africanos com os do Ocidente num mundo pós-colonial. Apresentando diálogos claros, os roteiros de Hudlin enfocam o panorama internacional da primeira década do século XXI, com o governo do presidente americano George W. Bush e sua "Guerra ao Terror". Esse conteúdo político utilizado por Hudlin fez sentido a partir do momento em que o roteirista "também queria que ele fosse politizado. Afinal, o personagem é soberano de uma nação africana. Seu trabalho é inerentemente político e, por natureza, acabaria implicando em conflitos com o governo dos EUA – assim como China e Israel".¹⁹

Nessa obra, Reginald Hudlin reinventou a origem do Pantera Negra trazendo novos elementos que constituem a sua base moral. O primeiro ponto era a posição geográfica de Wakanda. Pela narrativa, o reino se localizava no centro da África, cuja existência remonta ao século X. Diz a lenda que Wakanda foi o único reino que não foi conquistado por estrangeiros. Desde as guerras entre nações africanas, passando pela chegada dos europeus, Wakanda sempre permaneceu soberana e imune a qualquer interferência externa.

Hudlin destacou como o imperialismo europeu do século XIX tentou se apropriar das reservas naturais de Wakanda, mas foram rechaçados pelos habitantes do reino comandados por um ancestral de *T'Challa*. As origens do imperialismo remontam à dinâmica da economia mundial, determinada pelas mudanças internas nos países industrializados do século XIX. É possível identificar dois momentos peculiares no desenvolvimento do capitalismo industrial do século XIX. A expansão concorrencial de meados do século XIX e a expansão mundial iniciada após 1873, estendendo-se até às vésperas da Primeira Guerra Mundial.

O período entre 1875-1914 fora o auge do imperialismo colonial a que o historiador britânico Eric Hobsbawm deu o nome de "Era dos Impérios". O principal motivo era a busca por novos mercados na África e na Ásia, o que Hobsbawm considerou como "um produto sobrenatural de uma economia internacional fundamentada na rivalidade de várias economias industriais em competição".²⁰

¹⁹ HUDLIN, Reginald & ROMITA JR., John. Quem é o Pantera Negra? – *Coleção Oficial Graphic novels Marvel nº 38*. São Paulo: Salvat, 2014, p. 150.

²⁰ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p. 33.

Para Eric Hobsbawm, o imperialismo do final do século XIX era visto mais na esfera econômica e na transformação do contexto social e político dos países capitalistas industrializados e não mais pré-industriais. Em todos os impérios, os grupos dominantes sempre buscaram uma justificativa para se diferenciar dos dominados, seja por superioridade militar ou moral. Dentro do sentimento nacionalista os imperialistas tinham a afirmação da supremacia e os "dominados" representando uma resistência à unificação global, diante do que as colônias sempre tiveram desvantagens.

Hublin, então, fez um desafio ficcional de imaginar um reino que contrariasse a lógica "dominante-dominado". Como foi dito, na narrativa Wakanda jamais se curvou a qualquer potência estrangeira, mesmo quando o imperialismo europeu estava no auge. Na história, o leitor ficou sabendo da dinastia do Pantera Negra como protetor do povo wakandano através dos séculos e como sempre fizeram uso da tecnologia graças às reservas de *vibranium*.

No que concerne à narrativa escrita por Hublin, podemos perceber que o autor utilizou bem o contexto político de quando foi escrita em 2005. Em pleno governo George W. Bush, Hublin criticou a ação desenfreada dos EUA em invadir países em nome de uma suposta benevolência em trazer "democracia e liberdade" para outros povos do mundo. Na trama, os EUA procuraram se aproveitar da situação em que mercenários internacionais, comandados por Ulysses Klaw, o assassino do pai de *T'challa*, queriam invadir Wakanda para saquear suas reservas e matar o Pantera Negra atual. O plano foi repellido pelas defesas de Wakanda que conseguiram expulsar ou matar os invasores. Em meio a isso tudo, os EUA enviaram uma força tarefa para auxiliar os wakandanos que não foi solicitada. O objetivo era ajudar a expulsar os invasores e, assim, permanecer no país, o que seria uma forma de "gratidão" por terem se prontificado a ajudar. Contudo, Wakanda conseguiu vencer a batalha sozinha, e eis quando robôs do exército americano conseguiram entrar em Wakanda ao final dos combates, o Pantera Negra virou-se para um dos robôs dizendo que

A ajuda de vocês não foi solicitada e a ameaça foi anulada.
Wakanda agradece a oferta de auxílio dos Estados Unidos.
Porém, sua ajuda não é necessária.
Se permanecerem em solo wakandano por mais uma hora,
serão considerados exército invasor e sofrerão as
consequências.²¹

A fala de *T'Challa* demonstrou o quanto o respeito que Wakanda impunha aos seus pares ocidentais. O grande mérito da narrativa escrita por Hublin foi exatamente este: inserir uma nação fora do grupo das grandes potências, mas que, ainda assim, tinha sua soberania respeitada, mesmo que

²¹ HUBLIN, Reginald. Whos is the Black Panther?Part Six. *In: Black Panther*, vol. 4 n. 6. Nova York: Marvel, Setembro de 2005, p. 23.

pensassem em infringi-la. Wakanda conseguiu bloquear os poderes coloniais com uma evolução cultural que permaneceu por séculos inalterada. Assim, nas palavras de Hudlin, ele afirma que

O Pantera é um Capitão América negro. A personificação dos ideais de um povo. Como americanos, nos sentimos bem lendo o Capitão América, porque ele nos lembra do potencial que um bom americano pode ter, se, claro, tiver a convicção de viver pelos princípios sob os quais o país foi fundado. Como negro, o herói deve representar a concretização do potencial de sua pátria mãe.²²



Figura 3. Imagem do Pantera Negra.

Considerações finais

Seja pela política interna, seja pelas representações das relações internacionais, as HQs da *Marvel* podem ser vistas como uma forma de tradução do imaginário americano no que se refere ao combate aos adversários que se alteram em função das conjunturas. Desse modo, esses antagonistas variaram conforme a época em que a narrativa foi produzida. Assim, temos a configuração de histórias que tratam os estadunidenses como defensores únicos da “liberdade e da justiça”, conscientes de seu dever de defender o seu

²² HUDLIN, Reginald & ROMITA JR., John. Quem é o Pantera Negra? – *Coleção Oficial Graphic novels Marvel n. 38*. São Paulo: Salvat, 2014.

povo e os demais povos que compartilhassem dos mesmos princípios contra a "opressão e tirania". Isso fez com que nessas histórias os personagens principais – os super-heróis – lutassem contra inimigos que por várias vezes ameaçavam a ordem, a paz, e os "valores democráticos" da nação estadunidense. O estilo da narrativa das histórias insere o leitor em aventuras nas quais o bem (EUA) e o mal (o inimigo externo) se confrontam.

Essa exaltação dos heróis estadunidenses faz parte de uma cultura nacional. Essa cultura se constrói pela mitificação das experiências do passado, que se produz por meio de relações de identificação e projeção com os heróis da pátria. O imaginário sobre uma identidade cultural nacional é construído com base na "narrativa da nação". Essa fornece uma série de imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, e símbolos e para imaginar uma cultura nacional é necessário construir narrativas que incluam uma representação de identidades com base em tradições e mitos fundadores da pátria.

Nesse caso, os monarcas exemplificados neste artigo cumprem o papel de se estabelecerem como representantes de um povo que, mesmo fictício, molda os valores e crenças de uma civilização específica. Essa cultura se fez graças ao amor à Mãe pátria, ou seja, a adoração ao solo onde seus habitantes nasceram e cresceram e que estariam dispostos a defendê-la de ameaças externas. E essa veneração seria combinada com uma obediência ao Estado no que os súditos deveriam oferecer lealdade ao chefe de governo. Assim, seja em Atlântida, Latvéria ou Wakanda, as nações retratadas têm em seus habitantes o ponto de suporte que legitimava as ações dos monarcas mesmo que esses nem sempre tivessem uma postura benevolente.

Sobre o autor

Fábio Vieira Guerra é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: fabguerra@uol.com.br.

Artigo recebido em 25 de novembro de 2015.

Aprovado em 21 de junho de 2016.